Como Citar:
Kopanakis, A. R., & Aiello-Vaisberg, T. (2018). Um adulto para chamar de meu: Imaginário coletivo de futebolistas adolescentes. In L. S. de la Plata Cury Tardivo (Org.), 16ª Jornada APOIAR: Adolescência e sofrimento emocional na atualidade (pp. 302–312) [E-book]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

UM ADULTO PARA CHAMAR DE MEU": IMAGINÁRIO COLETIVO DE FUTEBOLISTAS ADOLESCENTES

Annie Rangel Kopanakis

Tânia Aiello-Vaisberg

Resumo: O presente estudo tem como objetivo investigar o imaginário coletivo de adolescentes, que praticam futebol em instituições esportivas, sobre a vida do jogador de futebol. Justifica-se como produção de conhecimento que pode subsidiar a proposição de práticas clínicas institucionais voltadas ao cuidado psicológico de atletas. Articula-se metodologicamente por meio do estudo de uma narrativa ficcional que retrata a história de vida de uma mascote, criada pelo grupo de adolescentes durante uma sessão de Oficina de Desenvolvimento de Capacidades, focada na capacidade de auto expressão emocional e de estabelecimento de vínculos de colaboração. A consideração psicanalítica da narrativa permitiu a produção interpretativa do campo de sentido afetivo-emocional denominado "Um adulto para chamar de meu", que se organiza ao redor da fantasia de que, para se alcançar a realização pessoal e profissional, o adolescente deveria contar com a ajuda de um adulto cuidador. Esse campo pode ser compreendido como um reconhecimento, por parte dos adolescentes, de uma necessidade de *holding*, o que converge com percepções da própria sociedade, quando cria dispositivos educacionais, jurídicos e de assistência social, com a finalidade de proteger os estratos mais jovens da população.

Palavras-chave: Imaginário Coletivo, Adolescentes, Futebol, Estilo Clínico Ser e Fazer, Psicologia do Esporte

Introdução

Quando consideramos que um dos grandes problemas enfrentados em nosso país é o da desigualdade social e econômica, não nos surpreendemos por constatar, em nossa experiência clínica e cotidiana, que esse atinge de modo ainda mais contundente os estratos populacionais constituídos por grupos que requerem cuidados específicos, como crianças, adolescentes, doentes, pessoas com deficiência e idosos. Tal configuração se deve, basicamente, a duas razões, que se articulam entre si: em virtude de suas necessidades específicas de cuidado e em razão da incapacidade do ambiente

social de promover, de modo satisfatório, esses cuidados – ou, como costumam dizer aqueles que frequentam o texto winnicottiano, um ambiente suficientemente bom.

Dentre os problemas enfrentados pelos adolescentes brasileiros, destacam-se a negligência e a violência familiar, o uso abusivo de drogas e o assassinato de jovens (Pasian, Bazon e Lacharité, 2013; Waiselfiz, 2014). Outra importante dificuldade diz respeito ao alto índice de evasão escolar juvenil, sendo que as desigualdades educacionais se acentuam entre jovens de sexo masculino, negros e pobres (Ribeiro e Neder, 2009; Sposito, Souza e Silva, 2018).

Por outro lado, são muitos os espaços de pertencimento buscados pelos jovens durante a transição para a vida adulta, dentre os quais destacam-se aqueles que reverberam gostos e afinidades em comum. As atividades de formação, que propiciam chances de trabalho e obtenção de renda futura, também são procuradas com frequência, cabendo lembrar que, num país onde o futebol é um esporte culturalmente valorizado, as instituições esportivas de formação de atletas profissionais de alto rendimento tornam-se muito atrativas para crianças e adolescentes.

Em busca da realização de sonhos e de melhores condições de vidas, os jovens que integram times esportivos muitas vezes lidam com adversidades do mundo externo e com escasso contato com seus familiares, visto que em muitos casos torna-se necessário que deixem suas casas para morarem em alojamentos. Nem mesmo a vigência da Resolução da Presidência RDP nº 01/2012, que prevê a facilitação do convívio do atleta com sua família, garante na prática a possibilidade de visitas familiares, em função das condições concretas de muitas famílias que têm rendas insuficientes para custear viagens de visitação.

Assim, propomos estudos envolvendo a compreensão dos dramas vividos por jovens que adentram nessas instituições esportivas de futebol, onde encaram a rotina da formação esportiva para alcançarem o sonho de se tornarem jogadores de futebol profissional. Para tanto, nos dispomos a estudar o imaginário de adolescentes atletas em treinamento sobre a vida do jogador de futebol**.**

Estratégias metodológicas

Quando nos interessamos pela produção de conhecimento sobre fenômenos humanos, abordando-os a partir da perspectiva da ciência psicológica, vale dizer, considerando-os como experiência vivida por pessoalidades individuais e coletivas,

encontramos, no método psicanalítico, uma das mais proveitosas vias de investigação. Consideramos, com Herrmann (1979/2001), que esse método é logicamente anterior às teorias e procedimentos clínicos que dele podem derivar, o que permite que seja utilizado produtivamente tanto em contextos de atendimento clínico como fora deles (Frost *et al.*, 2010; Herrmann, 1979/2001).

Ancoradas na psicologia psicanalítica concreta, como referencial teórico e epistemológico (Politzer, 1928/1975; Bleger, 1963/1978; Aiello-Vaisberg, 2017 e 2014), compreendemos o inconsciente como dimensão intersubjetiva do viver humano que se organiza em torno de campos de sentido afetivo-emocional, dos quais emergem todas as condutas humanas (Aiello-Vaisberg e Machado, 2008). Sendo assim, podemos afirmar que pesquisar os sentidos psicológicos de atos humanos, expressos em termos simbólicos, corporais e/ou como ações no mundo externo e produtos delas derivados , corresponde a: (a) identificar produções imaginativas enquanto condutas e (b) interpretar os campos intersubjetivos a partir dos quais emergem essas condutas (Ambrósio e Aiello-Vaisberg, 2014; Ambrósio, 2013).

Visando elucidar o uso do método psicanalítico para o estudo do imaginário coletivo de jovens futebolistas, operacionalizamos o mesmo em três procedimentos investigativos. São estes: (a) procedimento investigativo de produção do material de pesquisa; (b) procedimento investigativo de registro do material de pesquisa; (c) procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa.

Pautamos o procedimento investigativo de produção de material de pesquisa na realização de um atendimento grupal de 22 adolescentes em curso de formação como futebolistas. Esse atendimento teve lugar no contexto da adoção de um enquadre diferenciado, conhecido como Oficina de Desenvolvimento de Capacidades, que se caracteriza pela proposição de atividades brincantes, com vistas a favorecer a expressão subjetiva e o gesto espontâneo, pela adoção do *holding* como intervenção fundamental e por uma compreensão do acontecer clínico segundo o estilo clínico Ser e Fazer (Botelho e Aiello-Vaisberg, 2011). No presente caso, convidamos os participantes a criarem uma mascote e a inventarem sua história de vida, tarefa com a qual todos se envolveram de modo bastante ativo.

O procedimento investigativo de registro do material de pesquisa, que inclui cuidados éticos, de uso consagrado no campo da psicanálise, no sentido de evitar reconhecimento dos participantes, compreendeu duas etapas. A primeira delas

consistiu na tomada de anotações, feitas pela própria pesquisadora durante o atendimento, referentes aos acontecimentos que ocorreram naquele encontro. A segunda delas correspondeu à elaboração de uma narrativa transferencial pela pesquisadora, após o encontro grupal, visando a transmissão dessa história a partir das anotações realizadas.

Cumprimos o procedimento investigativo de interpretação do material, a narrativa transferencial foi analisada em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, que constituem passos fundamentais do método psicanalítico (Laplanche e Pontalis, 1967/2001). Para tanto, apoiamo-nos nas palavras de ordem metodológica recomendadas por Herrmann (1979/2001, “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”. Desse modo, chegamos à proposição interpretativa de campos psicológicos não conscientes, segundo os quais se organiza o imaginário coletivo que estudamos.

Por fim, realizamos as interlocuções reflexivas sobre os campos de sentido afetivo-emocional criados/encontrados. Neste momento, dedicando-nos a um trabalho intelectual de ordem reflexiva sobre as questões que surgiram a partir das interpretações psicanalíticas, o que inclui a consideração de formulações de outros autores, tendo em vista ampliação e aprofundamento de nossa compreensão. Esta seção corresponde ao que é usualmente denominado, em pesquisas empíricas, como discussão de resultados

Nasce uma mascote: apresentação do material

Temos participado, há algum tempo, de iniciativas que consistem no oferecimento de aulas de futebol, por uma Organização Não-Governamental (ONG) dedicada ao cuidado de adolescentes em situação de vulnerabilidade econômica, que se situa no litoral paulista. Desenvolve-se, nesta, um projeto de “escolinha de futebol”, que inclui, além dos treinos e aulas ministradas por educadores físicos, grupos de atendimento psicológico, dos quais nos encarregamos.

Narraremos, aqui, parte de uma sessão específica, durante a qual o grupo se envolveu com a proposta de criação de um personagem, ou seja, do que, no meio esportivo, corresponde a uma mascote. Esse tipo de proposta assimila um elemento cultural para dele fazer uso, com a finalidade de favorecer a expressão emocional dos participantes. Tal atividade vem sendo realizada, em âmbito clínico e institucional, em

diversos momentos e localidades, na medida em que temos constatado seus benefícios, em nossa experiência profissional, tanto no que diz respeito ao trabalho clínico do psicólogo do esporte, que atua segundo referenciais compreensivos, como no que diz respeito à produção de conhecimento no campo da investigação psicanalítica.

Ao ouvirem a proposta que lhes fizemos, de criação da mascote, os jovens engajaram-se imediatamente com a tarefa, decidindo batizar a personagem com o nome de Juvenal, para logo criarem sua história de vida, a qual apresentamos a seguir:

Juvenal nasceu em uma família muito pobre. Seu pai era branco e sua mãe era negra. Morava em uma casa pequena, com uma família enorme. Sua mãe havia falecido quando ele tinha 8 anos e quem cuidava dele e dos 5 irmãos mais novos era a avó materna. O pai de Juvenal era alcoólatra e não cuidava dos filhos.

Uma das coisas que Juvenal mais gostava de fazer era jogar futebol na rua. Quando tinha 10 anos ficou sabendo de um projeto social, realizado por uma ONG, que oferecia aulas de futebol para crianças. Logo que ficou sabendo dessa boa notícia o garoto foi atrás dessa instituição e conseguiu se inscrever nas aulas. A ONG ficava um pouco longe de seu barraco, mas a longa caminhada não o impedia de ir aprender futebol.

Os professores da escola eram muito bons e o treinador de Juvenal também trabalhava em um time importante na cidade. Juvenal era muito esforçado, mas sofria muitos problemas dentro e fora de casa. Sua família passava fome em alguns momentos e nesses períodos Juvenal deixava de frequentar a escolinha para trabalhar recolhendo latinhas de refrigerante para vender na sucata.

Certo dia, quando Juvenal já estava com 13 anos, um colega ofereceu a ele um trabalho mais promissor, que envolvia repassar drogas ilícitas perto de uma escola próxima ao seu bairro. Como nessa época a família de Juvenal passava por grandes dificuldades, o jovem aceitou a proposta e deixou de frequentar os treinos.

O que Juvenal não sabia era que Jorge, seu treinador, intencionava convidá-lo para integrar o grande time da cidade. Já faltoso das aulas e muito frustrado pela interrupção de seus sonhos, Juvenal pensou em usar a droga que repassava. Quando o garoto ia experimentar a substancia, surge Jorge, seu treinador, bem atrás dele, com um ar cansado por ter andado muito tempo em busca do adolescente. Jorge ficou preocupado com Juvenal e deu uma bronca nele quando percebeu o que o garoto

estava fazendo. Nesse dia, Juvenal foi convidado pelo seu professor a integrar o grupo da categoria de base do time que tanto gostava. Prontamente a proposta foi aceita, Juvenal ria como nunca havia feito antes! Entendia que era sua chance de tentar mudar de vida, além disso a ONG iria auxiliar sua família com cestas básicas mensais.

Juvenal começou a jogar futebol e iniciou uma bela carreira, sempre que tinha dificuldades recorria ao seu professor. Quando chegou a categoria profissional no time litorâneo, o jovem foi vendido para um clube no Sul do país. Nesse momento, Juvenal não sabia se comemorava ou desesperava-se, pois, ficaria longe de seu amigo e treinador, mas mudou-se e teve muito sucesso nesse novo time.

Jorge e Juvenal mantiveram contato com frequência, o que era muito bom para o garoto, porque esses encontros faziam-no sentir-se seguro e acolhido. A essa altura, Juvenal ganhava um bom salário e conseguia ajudar sua família, que inclusive planejava mudar-se para uma casa de verdade, com água encanada, quartos, sala, cozinha, banheiros, paredes e pisos.

Alguns momentos da Vida de Juvenal, mesmo tendo esse suporte financeiro, foram difíceis. Teve uma época em que o atleta começou a beber demais e teve sua atenção chamada pelo antigo treinador. Com muito empenho, dedicação e talento, junto a todo amparo de cuidados de Jorge, Juvenal tornou-se um ótimo atleta. O menino, que agora era um homem, disputou campeonatos nacionais e internacionais e atualmente joga no Real Madrid. Hoje em dia a família de Juvenal mora em uma casa bonita e todos os irmãos frequentam a escola. O pai de Juvenal não se recuperou do vício, mas sua avó cuida bem de seus irmãos, que inclusive planejam sua primeira viagem internacional para visitar o irmão na Espanha.

Interpretação e interlocuções: “Um adulto para chamar de meu”

A leitura da história de vida de Juvenal, em condição de cultivo da atenção flutuante e da associação livre de ideias, orientada pelas palavras de ordem de Herrmann (1979/2001), permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional, ao qual denominamos “Um adulto para chamar de meu”. Tal campo se organiza ao redor da fantasia de que, para se alcançar a realização pessoal e profissional, o adolescente deveria contar com a ajuda de um adulto cuidador.

Como ilustrações de condutas emergentes desse campo, podemos mencionar várias passagens da história inventada pelos jovens. Por exemplo, recordamos que quando o personagem enfrenta problemas e possibilidade de envolvimento com

comportamentos de risco, tal como o uso de drogas, o surgimento do adulto protetor, no caso o treinador, revela-se suficiente para a superação dessa adversidade. Assim, por meio de apoio, preocupação, orientação e repreensão, o adulto impede que o jovem atue de modo a prejudicar-se e afastar-se, por más escolhas, da possibilidade de se realizar como pessoa e profissional. Coerentemente, a vivência de situações de afastamento do adulto protetor parece gerar angústia, que se liga a sentimentos de desamparo.

A vinculação com um adulto traduz a necessidade juvenil de sentir-se amparado para poder ter um desenvolvimento saudável. O campo de sentido afetivo-emocional, encontrado a partir da consideração psicanalítica da história de Juvenal, indica uma importante percepção acerca da necessidade do jovem de contar com o apoio e proteção de um adulto mais experiente que, em termos winnicottianos, pode ser pensado como aquele que fornece sustentação, configurando um ambiente facilitador do amadurecimento.

O conceito de *holding* é definido inicialmente por Winnicott (1960/1990; 1971/1984) como o conjunto de cuidados físicos e psicológicos, fundamentais para o desenvolvimento infantil, que a mãe prove ao bebê desde seu nascimento. Posteriormente, esse conceito foi ampliado, passando a designar todo o amparo, sustentação e cuidados dispensados ao ser humano pelo ambiente, em termos dos vínculos próximos e dos contextos macrossociais, ao longo de toda a sua vida, facilitando experiências de integração emocional em momentos para além da infância. Nessa linha, Medeiros e Aiello-Vaisberg (2014) afirmam a necessidade de transportar o esquema proposto por Winnicott para diferentes momentos do desenvolvimento humano, questão que merece ser abordada detalhadamente, do ponto de vista da pesquisa, mas que encontra respaldo em visões antropológicas que enfatizam a natureza social da pessoa humana (Bleger, 1978/1963) e a importância da coexistência respeitosa e solidária, segundo perspectivas éticas fundamentadas no pensamento levinassiano (Dussel e Guillot, 1975). A nosso ver, faz sentido reconhecer a importância fundamental do outro na vida humana, como condição que não se modifica ao longo do tempo e em diferentes situações, mesmo quando se assume que a sustentação deva forçosamente variar, para ser efetiva, levando em conta as necessidades presentes a cada momento. Nessa perspectiva, podemos compreender que em algumas fases da vida, como a adolescência, em circunstâncias tais, como a do afastamento do convívio

familiar, como ocorre com os participantes do presente estudo, as necessidades de *holding* possam se manifestar de modo singularmente mais intenso. Cabe, nessa linha, cogitar que a constituição de ambientes suficientemente benéficos para os processos de amadurecimento infanto-juvenil, dependa da atuação de adultos que trabalham em instituições de formação de jovens futebolistas, aí incluídos não apenas os treinadores e outros profissionais, mas também o psicólogo do esporte. sejam favorecidas pela atuação dos adultos que trabalham nas instituições de formação de jovens futebolistas, dentre os quais se incluem os treinadores e outros profissionais, como o psicólogo do esporte. Entretanto, vale a pena lembrar que o tipo de sustentação necessária para o amadurecimento emocional do indivíduo varia enormemente desde o seu nascimento até o final da adolescência. Desse modo, sustentar um jovem é algo muito diferente de cuidar de um bebê, por exemplo, na medida em que faz parte do processo juvenil a conquista de autonomia e a valorização das capacidades já conquistadas ao longo da vida.

Chama nossa atenção termos constatado que vigora, no imaginário dos próprios atletas adolescentes, uma crença conforme a qual necessitam de apoio de sustentação de adultos para completarem seu processo de desenvolvimento e se tornarem adultos bem-sucedidos profissional e pessoalmente. A compreensão de que crianças e adolescentes precisam de adultos aflui com pensamentos que vigoram na sociedade brasileira, sobretudo em instituições como as educacionais e jurídicas, onde a responsabilidade pelos cuidados infanto-juvenis é atribuída às famílias, aos educadores e ao Estado. Tal constatação converge com nossos achados e com a compreensão, que tem sido demonstrada pela sociedade brasileira, através de normativas como o Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (Brasil,1990), que indica os direitos e deveres da sociedade brasileira com relação aos cuidados com crianças e adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (Brasil,1990) propõe um modelo de proteção integral às crianças e aos adolescentes, estabelecendo normas que protegem os jovens de terem seus direitos violados, pensando na prevenção e autuação do Estado quando houver violações desses direitos. Além das proposições normativas, as reflexões que permeiam o referido estatuto tratam da necessidade infanto-juvenil de proteção, cuidado e amparo, sempre garantidos e efetuados por um adulto. Inclusive, quando os pais e cuidadores não garantem os cuidados básicos aos menores de idade,

em casos de negligências e violências familiares, outros adultos são chamados a desempenharem essa função, que pode ser atribuída à família extensa ou às instituições do Estado, que devem contar com figuras adultas para acolherem as crianças, como os conselheiros tutelares e os profissionais que trabalham em abrigos.

A compreensão de que o desenvolvimento infanto-juvenil requer e pode ser facilitado por meio da vinculação com adultos, os quais fornecem apoio emocional e adotam uma postura interessada e preocupada com as demandas das crianças e adolescentes, permite que tracemos alguns indicativos que podem colaborar com as relações sociais produzidas em instituições como as esportivas, onde adultos e jovens convivem diariamente. Aprofundar nossa compreensão sobre tais questões, apoiando-nos nas interpretações de nossa pesquisa, pode contribuir com a formação de professores e treinadores, permitindo-lhes alcançar um melhor preparo profissional.

Por fim, consideramos que o campo de sentido afetivo-emocional “Um adulto para chamar de meu” corresponde a um imaginário que reverbera a necessidade juvenil de acolhimento e proteção, questão que deve ser considerada por aqueles que se encarregam de sua formação como atletas. A partir dessa percepção, inferimos que a modalidade de intervenção proposta, sob o enquadre de Oficina de Desenvolvimento de Capacidades, pautada no estilo clínico Ser e Fazer, demonstrou-se produtiva como meio de expressão do imaginário coletivo, ao mesmo tempo em que indica uma via de prática com claro potencial benéfico, numa vertente psicoprofilática.

Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Psicologia clínica social na esteira da psicohigiene e da psicologia institucional. Em: L. S. de La P. C. Tardivo & T. M. J. Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XII Jornada Apoiar – A clínica social: propostas, pesquisas e intervenções* (pp.35-47). Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2016/06/PSICOLOGIA-CLINICA-SOCIAL-NA-ESTEIRA-DA-PSICOHIGIENE-E-DA-PSICOLOGIA-INSTITUCIONAL.pdf

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento socia. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62. Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100005&lng=pt&tlng=pt.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisas psicanalíticas de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. Em: J. Monzani & L. R. Monzani (Orgs.). *Olhar: Fábio Herrmann, uma viagem psicanalítica* (pp.311-324). São Carlos: Editora Pedro e João Editores.

Ambrosio, F.F. (2013) O Estilo Ser e Fazer na Investigação de Benefícios Clínicos de Psicoterapias. Tese de Doutorado. Campinas : Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Ambrósio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). A Importância do Conceito de Campo no Procedimento de Ambrosio e Vaisberg. Em: L. S. de La P. C. Tardivo & T. M. J. Aiello-Vaisberg (Orgs.). *XII Jornada Apoiar – A clínica social: propostas, pesquisas e intervenções* (pp.117-129). Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2016/06/A-IMPORT%C3%82NCIA-DO-CONCEITO-DE-CAMPO-NO-PROCEDIMENTO-DE-AMBROSIO-E-VAISBERG.pdf

Bleger, J. (1978). *Psicologia de la conduta*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1963).

Brasil. *Lei 8.069, de 13 de julho de 1990* (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Presidência da República.

Confederação Brasileira de Futebol. *Resolução da Presidência RDP nº 01/2012, de 17 de janeiro de 2012* (2012). Estabelece normas, procedimentos, critérios e diretrizes para emissão do Certificado de Clube Formados (CCF) pela CBF, e delega às Federações Estaduais poderes apra emitir prévio paarecer conclusivo para fins de certificação referente às suas entidades de prática desportiva filiadas. Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://fmf.esumula.com.br/Arquivos/Resolucao/Resolucao_8.pdf.

Dussel, E., & Guillot, D. E. (1975). *Liberación latinoamericana y Emmanuel Lévinas*. Buenos Aires: Bonum.

Botelho-Borges, A. A. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011) Desenvolvimento de Capacidades e Gesto Espontâneo. *Paidéia,* 21 (49) 257-262.

Frost, N., Nolas, S. M., Brooks-Gordon, B., Esin, C., Holt, A., Mehdizadeh, L., & Shinebourne, P. (2010). Pluralism in qualitative research: The impact of different researchers and qualitative approaches on the analysis of qualitative data, *Qualitative Research*, 10(4), 441-460. Doi: 10.1177/1468794110366802.

Herrmann, F. (2001). *Andaimes do real*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1979).

Laplanche, J., & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. (4a ed., P. Tamen, Trad). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).

Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26(2), 49-62. Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200004&lng=pt&tlng=pt.

Pasian, M. S., Faleiros, J. M., Bazon, M. R., & Lacharité, C. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando familias*, 17(2), 61-70. Recuperado em 01 de setembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200005&lng=pt&tlng=pt.

Politzer, G. (1975). *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 1928).

Ribeiro, R., & Neder, H. D. (2009). Juventude(s): desocupação, pobreza e escolaridade. *Nova Economia*, 19(3), 475-506. http://dx.doi.org/10.1590/S0103-63512009000300004.

Sposito, M. P., Souza, R., & Silva, F. A. (2018). A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, 44, e170308. http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201712170308.

Waiselfisz, J. J. (2014). *Mapa da Violência. Os jovens do Brasil*. Brasília: FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais); Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial; Secretaria Nacional da Juventude; Secretaria-Geral da Presidência da República.

Winnicott, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1990). Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1960).